

O método psicanalítico em extensão

Grupo Vórtice de Estudos Psicanalíticos da Teoria dos Campos: Cristianne Spirandeli Marques • Daniela Rodrigues G. Gomes • Evaldo Nunes • Joana Darc dos Santos • Karen de Almeida Rodrigues • Léia Souza A. de Araújo • Maria Alzira Marçola • Maria de Lourdes P. Costa • Maria Isma F. Costantin • Rosa Eliza Zago Naves

Resenha de Fábio Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, 2.ed., São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004, 174 p.

Herrmann apresenta, nesta obra, os conceitos básicos da Teoria dos Campos, em uma linguagem clara, aliando-os a vinhetas clínicas que nos ajudam a elucidar e a compreender, em profundidade, nosso fazer clínico. O consultório é mostrado muito mais como um lugar/tempo da magia transferencial, onde habita o *Homem Psicanalítico* – nosso objeto e sujeito do conhecimento –, do que como um lugar físico e fixo. A obra possibilita-nos ainda o acesso a roteiros de estudo mais aprofundados sobre a Teoria dos Campos, a partir de uma série de notas preparadas, minuciosamente, por Leda Herrmann.

O resgate do método psicanalítico surgiu no final dos anos 1960, quando Herrmann procurava desvendar um *fundo comum* nos processos conduzidos, segundo teorias e técnicas diferentes que produziam efeitos parecidos o bastante para reclamarem o nome de Psicanálise. Isso levou o autor a reflexões sobre o método criado por Freud e sobre a malha de regras que se esconde a um palmo abaixo do pensar cotidiano. Tais reflexões possibilitaram-lhe um traba-

lho, livre de jargão escolástico, que se constituiu como um sistema de pensamento. Neste, diferencia *Psicanálise*, com a letra *P* maiúscula, ao se referir ao método e ciência inteira, da *psicanálise*, com a letra *p* minúscula, designando aquilo que o analista faz em seu consultório.

Nos três primeiros capítulos, o autor apresenta-nos a relevância da Psicanálise frente ao trauma no século xx em relação ao que é inerentemente humano, com a perda do mundo da substância social, dos projetos deliberados pelo povo e da racionalidade discursiva.

Nesse mundo em crise, Herrmann enfatiza que a Psicanálise é convidada a entrever e a desenvolver a ciência psicanalítica, encontrando novas aplicações para seu método, o que significa refletir com rigor a respeito da nova situação, criando formas de intervenção em contextos mais amplos. É nesse aspecto que o livro pode oferecer ao leitor idéias e inspiração para a revitalização de sua prática clínica.

O método é a forma geral do pensamento e da ação numa disciplina e, em técnicas diferentes, o mesmo método deve estar presente. Mas como procurá-lo? O autor continua a se perguntar: “que faz um analista?”

Para ele, o analista desrespeita completamente os limites do assunto que o paciente coloca, procurando os sentidos produzidos por aquilo que escuta, em termos emocionais, isto é, em termos da história que lhe está sendo ocultamente contada e vivida na sessão. Segundo Herrmann, a maneira de o nosso método produzir conhecimento sobre a psique humana consiste em submetê-la a uma condição que não se encontra na vida comum, senão de maneira potencialmente diluída e rara: a ruptura de campo. Ao tratar de ruptura de campo, o autor acaba deixando explícito que esta constitui o próprio método da Psicanálise, o qual cria a situação em que os fenômenos podem se dar e, até certo ponto, cria os próprios fenômenos estudados.

A situação analítica é o método em ação. Segundo Herrmann, nosso psiquismo gera e

Dos autores. Todos os autores desta resenha são psicanalistas e fazem parte do “Grupo Vórtice: Estudos Psicanalíticos da Teoria dos Campos”, fundado em 2003 e constituído por psicólogos da cidade de Uberlândia – MG.

procura manter seus campos, enquanto a situação analítica sistematicamente os desmancha. Por isso, se diz que o método psicanalítico é dotado de *espessura ontológica*, que é uma forma de conhecimento *sui generis* que produz aquilo que estuda, sem que deixem de ser corretas suas descobertas. A espessura ontológica do método é dada por seu estatuto híbrido de operação do analista e estrutura psíquica do paciente.

Na obra, mais uma vez, são retomados os conceitos de *campo*, *ruptura de campo*, *campo transferencial*. Herrmann diferencia *interpretações de sentenças interpretativas*; descreve *expectativa de trânsito*, *vórtice*, *homem psicanalítico*, *zona intermediária*, *contágio*, *identidade*, *real e realidade*, *crença*, *rotina* e *sentido de imanência*.

O autor deixa entrever que conceitos psicanalíticos, tais como interpretação, fantasia, cultura, são repensados com rigor metodológico, visando a maior mobilidade e articulação com as diversas áreas do conhecimento e da cultura humana, o que, a nosso ver, resulta na produção de novos saberes. Ressalta a necessidade de avançarmos na concepção da Psicanálise como uma ciência geral da psique, capaz de sustentar uma gama ampla de práticas e um pensamento mais eficaz sobre o homem.

Outra contribuição importante de Herrmann é a investigação da zona intermediária que se situa, de modo virtual, entre a superfície de representações e a manifestação inconsciente, alimentando, constantemente, a produção de qualquer novo conhecimento. Parece-nos que aí reinventa o estatuto da fantasia na constituição do psíquico e, dessa forma, evita a tendência a traduções simbólicas ou simultâneas, tais como aquelas dos dicionários de sonhos. Apresenta-nos sua concepção de inconsciente como uma espécie final de vários inconscientes constitutivos de nossa psique, denominando-os *inconscientes relativos*. Mas não se satisfaz com essa solução apenas e passa a designar por *campo* os inconscientes que não são restritos ao sujeito, mas, também, sociais, por terem, em sua origem, a cultura.

Herrmann preocupa-se também em examinar o sentido geral da técnica como o de um dos derivados do método. Descreve o que ocorre no processo psicanalítico e sugere alguns recursos práticos. Para ele, o analista não é livre para fazer o que quer, não inventa sentidos, mas apreende os sentidos que surgem, realizando o que o método o conduz a fazer, *deixando que o trabalho de parto psíquico siga seu ritmo próprio*. Tal ocorrência necessita da atitude de disponibilidade receptiva por parte do analista de *deixar que surja, para depois tomar em consideração*, o que significa ter em mente o diagnóstico transferencial. Portanto, propõe um cuidado vigoroso para com os instrumentos técnicos que permitem que o método se ponha em movimento harmonioso e que o analista consiga acompanhar seus efeitos.

Discute também a posição da teoria diante do método, de forma semelhante à adotada em relação aos movimentos técnicos, e as implicações de o conceito psicanalítico de inconsciente ter sido criado juntamente com a invenção da Psicanálise. O inconsciente freudiano é apontado como diverso de tudo que lhe precedeu. Uma das raízes da Teoria dos Campos é a constatação de que a Psicanálise levada a cabo por Freud, mesmo no plano puramente clínico, como também no da cultura e no da teoria, aponta sempre para o inconsciente, mas não necessariamente para um mesmo inconsciente. A cada movimento analítico descobre-se um inconsciente ligado ao tema e ao modo utilizado de exploração interpretativa.

A noção de *campo* é entendida como um *inconsciente relativo* de uma determinada análise ou relação. Oferece movimento à teoria um, torna-a mais dinâmica, propiciando, a cada encontro analítico, novas teorizações, o que Herrmann chama de *prototeorias*.

A leitura de Freud é tratada pelo autor como uma reflexão a respeito do método, da clínica, das teorias e da investigação psicanalítica. Ele acrescenta que, para quem quiser conhecer Psicanálise, é indispensável ler Freud e, sobretudo, saber lê-lo. Entendemos que, dentro da Teoria dos Campos, a reflexão metodológica

nos leva a certas considerações sobre a leitura de Freud sem, no entanto, ter um padrão a propor.

Herrmann assinala que há um grau ideal de focagem que não se pretende vago, pois, assim, correr-se-ia o risco de realizar um trabalho clínico às cegas; não devendo, também, ser exageradamente minuciosa, pois isso poderia levar a uma miopia conceitual. Ele aponta o problema da leitura que é uma espécie de abstração generalizadora e acena para o perigo de se universalizarem e reificarem os conceitos psicanalíticos, em vez de se partir do método. Apresenta Freud como o autor de um extenso romance científico que vingou no mundo real, cujo personagem principal é o próprio psicanalista. Assim, o que podemos e devemos fazer é ler a obra da qual somos personagens.

Nessa perspectiva, Herrmann retoma, de seu pensamento fundamental – o método psicanalítico – tanto o valor interpretativo, quanto o valor científico que este produz, identificando-o com a forma de escrita de seu principal mestre, Freud. Pensa que a escrita freudiana deixa à vista *de onde e como* surge a reflexão psicanalítica, ou seja, acaba por revelar o ponto de vista que o psicanalista tem do mundo, o qual determina os contornos e limites de seu ato de conhecimento sobre a realidade, a fantasia, a verdade *versus* a mentira, o fato *versus* o equívoco. E são esses produtos investigados por ele sobre a reflexão psicanalítica que promovem sua noção de *real*. O autor nos faz caminhar pelo método em condição de ruptura de sentidos, considerando a lógica que costuma permeiar as relações humanas.

Este livro nos mostra com clareza que retratar as origens do psiquismo é uma tarefa bastante complexa e nos conduz inevitavelmente para fora da Psicanálise, pois perguntar pela origem absoluta do psiquismo seria como perguntar pela origem da matéria. Para Herrmann, a polêmica a respeito de ser a psique um fenômeno individual ou social não importa, pois o que é fundamental, e o bastante, é que seu sentido se faz no mundo humano.

Buscando abordar a questão pela ótica da Psicanálise, pergunta: *Onde exatamente começa a ter cabimento psicanalítico a pergunta que interroga o psiquismo individual?* Para responder, tem por base a transmissão da forma humana para um novo ente singular e, desse modo, cria um modelo *teórico ou ficcional* para explicar a constituição do psiquismo infantil e, de forma instigante, ressalta que o infante, inicialmente, está preso ao *cerco das coisas*. A partir daí, apresenta conceitos como *mentira original*, *fantasia de autobastância*, *luto primordial* e, finalmente, a complexa constituição do desejo. Amplia essas formulações para o contexto da humanidade que, com o desenvolvimento da cultura, ascendeu à condição de psique humana.

Partindo dessas proposições, Herrmann assinala a importância de um espaço social microscópico, a situação analítica, que possibilita, mesmo no adulto, a abertura de novos espaços de humanidade no psiquismo. Considera o desejo e o objeto do desejo como permeados pela questão fundamental do ser humano, articulando-os com a falta que nos constitui. Relacionado com esta concepção de desejo, apresenta-nos o ponto de vista da Teoria dos Campos sobre o eu, concebido como uma posição ocupada sucessivamente por *representantes* de diversas tendências internas. Afirma que, em qualquer ação intrapsíquica, há, pelo menos, dois eus em interação, havendo uma espécie de circulação de eus a ocupar a posição de sujeito psíquico.

O autor atribui ao trabalho analítico a função de dar voz aos eus deslocados, evitando o predomínio prolongado de qualquer dos eus, ou sua ditadura psíquica. Para argumentar sobre a idéia de *identidade*, ele segue duas vertentes. A primeira refere-se à garantia identitária ou ao *sentido de imanência*. A outra diz respeito propriamente ao eu. Nesta vertente, intervêm duas noções muito importantes para a Teoria dos Campos: *mentira original* e *paixão do disfarce*. Quando o analista considera o eu múltiplo e o eu como disfarce, tem a possibilidade de duas decorrências: dirigir as interpretações ao ende-

reço certo e não confundir levantamento de um disfarce com a verdade.

Quanto ao temário da sexualidade, o autor também recupera o papel central que este ocupa na Psicanálise, alertando para a existência do que oportunamente denomina *repressão teórica* da sexualidade. Nessa perspectiva, desenvolve a idéia freudiana de uma continuidade entre perversão e sexualidade normal, afirmando que o perverso é a extrema especialização, mesmo a especialização em *sexualidade normal*. Considera, também, o *voyeurismo* e o *exibicionismo*, pondo em evidência as qualidades do *apelo sádico* que o objeto exerce. Para o autor, a perversão descobre algo no mundo, mas interpreta-o mal, por radicalizar a diferença.

Herrmann toma em consideração as categorias tradicionais da psicopatologia, tais como neurose, psicose e perversão, sendo que os aspectos psicopatológicos são tomados por ele como um pensamento e um olhar constante para a lógica psíquica interna, buscando investigar formas de ser mais específicas, analisando sentimentos, estruturas vitais características, modos sintomáticos, sem os reduzir a formas nosográficas. Aponta ainda dois aspectos fundamentais do diagnóstico psicanalítico: o histórico e o transferencial, pois o que se procura é discernir o sentido da história do paciente. Por meio deste, estabelecem-se estratégias de intervenção que rompem o jogo circular do sintoma, sendo a análise composta por três dimensões temporais simultâneas. Diagnóstico e cura se entrelaçam à medida que a psicopatologia pode ser interpretada, rompendo campos que obstruem a cura.

Embora o autor não se estenda, neste livro, sobre conceitos da psicanálise do cotidiano, visto já ter escrito um dos volumes de *Andaimes do real* sobre o tema, deixa clara a importância para a Teoria dos Campos, ao apontar a função que têm as noções de real e realidade na prospecção realizada no mundo cotidiano que, como psique do real, determina para seu homem peculiaridades de pensamento e ato.

Acreditamos que ler este e tantos outros livros de Fabio Herrmann conduz à busca de aprofundamento da formação teórica, ao reconhecimento do ganho que podemos ter ao tomar em consideração os enunciados – às vezes difíceis – da teoria, sem distorcê-los ou reificá-los, mas, sim, para ampliar o espectro de nossa escuta e de nossa capacidade para gerar novos conhecimentos advindos da prática em Psicanálise.

Fabio Herrmann (1944-2006) foi psicanalista, criador da Teoria dos Campos, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (1985-1986) e da FEPAL (1986-1988), fundador do Centro de Estudos da Teoria dos Campos (CETEC) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, no qual lecionou de 1984 até seu falecimento. Publicou 105 artigos científicos e 30 capítulos de livros, além de vários livros, entre os quais os três volumes de *Andaimes do Real*, *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação (traduzido na Argentina)*, *O que é Psicanálise – para iniciantes ou não...*, *A Psique e o Eu*, *Introdução à Teoria dos Campos*, *O Divã a Passeio: À procura da psicanálise onde não parece estar*, *A Infância de Adão e outras ficções psicanalíticas..*

Cristianne Spirandeli Marques é mestre em Psicologia Aplicada e especialista em Clínica Psicanalítica pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Daniela Rodrigues Goulart Gomes é mestranda em Psicologia Aplicada pela UFU e especialista em Psicossomática pelo Sedes Sapientiae.

Evaldo Nunes é especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

Joana Darc dos Santos é mestre em Ciências da Saúde e especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

Karen de Almeida Rodrigues é mestre em Educação pela UFU e arteterapeuta pelo Sedes Sapientiae.

Léia Souza Alves de Araújo é mestre em Educação e especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

Maria Alzira Marçola é mestre em Psicologia Aplicada pela UFU e Especialista em Psicologia Clínica Psicanalítica.

Maria de Lourdes Pereira Costa é especialista em Orientação Sexual.

Maria Isma Ferreira Costantin é assistente social, psicóloga e especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.

Rosa Eliza Zago Naves é especialista em Clínica Psicanalítica pela UFU.